A luta continua
por Mazin Qumsiyeh\*

Regressei a este país (e é um país) para encontrar uma situação ainda mais
tensa do que era há duas semanas atrás. Um colono israelita atropelou
crianças palestinas matando uma de 5 anos e ferindo outra. Um nativo
palestiniano atropelou um guarda da fronteira israelita em Jerusalém,
matando um e ferindo vários. Tais incidentes são cada vez mais frequentes.

O sionismo começou aqui como um movimento colonial para transformar uma
florescente multi-religiosa Palestina em EJIL (Estado Judeu de Israel no
Levante). O apoio das potências ocidentais foi e continua a ser crucial
para o estabelecimento do EJIL e a sua manutenção (cada vez mais
dispendiosa). Os movimentos coloniais devem, por um lado, destruir a
sociedade nativa e, por outro lado, construir uma nova sociedade. No caso
da colonização da Palestina (agora chamada Israel), a destruição é de
cortar a respiração. Somos 7 milhões de refugiados ou de pessoas
deslocadas (de uma população de 12 milhões). A terra da Palestina
histórica que nos resta para viver é de cerca de 8% (incluindo os guetos
da Galiléia, Naqab, Gaza, Jerusalém Oriental e Cisjordânia).

Agora milhões de colonizadores da Europa e de outras partes do mundo
controlam 92% do território, mais de 90% da água, todas as fronteiras e
todos os outros recursos naturais do país. A política sionista do poder
virou direito e significa que os direitos humanos e o direito
internacional não são aplicáveis aqui. Isto aumenta a frustração e a raiva
dos povos nativos. Os nativos foram privados de liderança real
(anteriormente a OLP) e têm agora uma "Autoridade Palestina" (AP),
aprovada pelos EUA / Israel. Os homens da AP estão mais preocupados com
seus empregos do que com o futuro da Palestina, e actuam agora como
esbirros da ocupação. Esta foi a armadilha que foi criada nas negociações
da Noruega em 1993 (posteriormente referidas como os Acordos de Oslo).
Desde então, só na Cisjordânia, o número de colonos israelitas aumentou de
180.000 para 650.000. A vida para os restantes palestinianos tornou-se
cada vez mais insuportável (excepto se pertencem à elite da AP, cuja
maioria está em Ramallah). Para manter um sistema racista significa
alimentar um sistema educacional e social israelita que leva cada vez mais
a sua população a extremos.

O sistema chauvinista e esquizofrênico, alheado do futuro, caminha lado a
lado com o fascismo. Casas estão a ser destruídas, milhões de nós não têm
direito a viver no nosso país, nem o direito de visitar, nem rezar nas
igrejas e mesquitas em Jerusalém. Os esforços de transformação para o país
parecer cada vez mais "judeu" aceleram-se, especialmente, nos arredores de
Jerusalém provocando mais tensões. Israelitas decentes estão a abandonar o
sistema (são agora 300.000 a viver na Alemanha, onde há o maior
crescimento de população judaica). Os Palestinos sem lugar para onde ir
estão a ficar desesperados. A pressão aumenta como o vapor numa panela de
pressão. Os actos de violência individual que vemos são apenas um sintoma
deste sistema insustentável e o perigo está a alastrar-se. O Estado Judeu
de Israel no Levante (EJIL) tem que ter novos estados como o sunita (ISIS)
e xiita e outros, de modo que ser "naturalizado" em vez de ser o único
sistema de apartheid na Ásia Ocidental.

As nossas escolhas ainda são 1) o poder faz o direito, ou 2) os direitos
humanos, incluindo a abolição de estados baseados na religião, e a
insistência em democracias seculares. O primeiro caminho leva a uma
situação em que todos ficamos a perder, e o segundo a uma situação em que
todos ficamos a ganhar. Não há um cenário vencedor-vencido (como MLK disse
uma vez ou vivemos juntos em igualdade com outros seres humanos ou
pereceremos juntos como tolos). Ficar pendurado entre dois caminhos apenas
significa mais extremismo, mais violência, e mais injustiça. Escolher a
democracia, os direitos humanos e a justiça não é fácil e pagamos um preço
(financeiramente, fisicamente, etc.). Somos nós, as pessoas que devem
fazer por isso (já que todo o mundo reconhece que, na sua maioria, os
nossos políticos são hipócritas e tolos egocêntricos). O dia em que voltei
também foi o dia em que as "eleições" nos EUA nos deram um congresso ainda
mais subserviente inclinado para aumentar a destruição da economia dos EUA
com o fim de servir interesses especiais. Alguns de nós pagam preços mais
pesados do que outros e alguns até foram mortos (muitos dos meus amigos
foram mortos em manifestações não-violentas). Alguns perdem empregos ou
casas. Alguns são feridos. Alguns passam anos como presos políticos. Mas é
uma luta existencial e deve ser levada a cabo. Como fazê-lo e manter a
dignidade, a humanidade e a paz interior é um desafio. «Não se pode ser
neutro num comboio em movimento» sem que a apatia seja conivente com a
opressão. Quando a nossa curta estadia neste mundo se aproxima do fim,
vamos nos arrepender ou sermos orgulhosos de ter tentado torná-lo melhor?
A escolha é óbvia.

Para aqueles que querem saber acerca da minha estadia de quase duas
semanas na Europa: Conheci centenas de pessoas. Falei em mais de 15
eventos em três países (França, Suíça e Noruega). Estabeleci bons contatos
para ajudar a estabelecer projetos conjuntos entre o nosso Museu de
História Natural da Palestina e alguns grupos europeus para trabalharmos
no desenvolvimento sustentável, democracia e justiça (ou seja, ajudar-nos
a viajar ao longo do caminho em que todos ficamos a ganhar). Todas as
parcerias com pessoas que compartilham esta visão é bem-vinda. A luta
continua.

Mazin Qumsiyeh
[http://palestinenature.org](http://palestinenature.org/)
[http://qumsiyeh.org](http://qumsiyeh.org/)

Fonte: <http://grupoaccaopalestina.blogspot.pt/>

\* Mazin Qumsiyeh é investigador em genética e professor nas universidade
de Belém e Birzeit. É presidente do Centro Palestiniano para a aproximação
entre os povos. É uma figura importante da resistência popular contra a
ocupação israelita.